

REDE GLOBO E TV BRASIL: diferentes discursos sobre o Dia Nacional da Consciência Negra

Ivonete da Silva Lopes*
Sales Augusto dos Santos**

RESUMO

Este trabalho reflete sobre os diferentes enfoques da TV Brasil e Rede Globo na cobertura da Semana da Consciência Negra de 2009. A partir da análise da programação, buscamos visualizar como a emissora privada e a pública atuaram na cobertura da questão racial, especificamente, na data mais importante para o Movimento Social Negro, o dia 20 de novembro. Data construída por esse movimento em homenagem ao herói negro Zumbi dos Palmares, que simboliza a luta dos negros por igualdade de direito e de fato na sociedade brasileira. Enquanto a TV Brasil dedicou parte significativa da sua programação, entre 14 e 21 de novembro, a temas que abordavam diversos aspectos sobre a população negra e sua participação na sociedade brasileira, a Rede Globo, ao contrário, exibiu apenas em dois programas temas relacionados à data.

Palavras-chave: telejornalismo, entretenimento, Dia Nacional da Consciência Negra, representação.

Em 1971, o poeta e ativista negro Oliveira Silveira, membro do *Grupo Palmares* – organização do movimento social negro de Porto Alegre (RS) –, propôs estabelecer o dia 20 de novembro – dia da morte do herói negro Zumbi dos Palmares¹ – como o *Dia Nacional da Consciência Negra*. Seu objetivo foi apresentar uma data alternativa para contestar, segundo ele, o “enganoso 13 de maio”, dia da libertação oficial dos escravos no Brasil, mas contestado pelos ativistas negros.

O movimento negro brasileiro não só endossou a proposta supracitada, como passou a fazer atos públicos no dia 20 de novembro contra o racismo. A data se tornou marcante e simbolicamente importante para esse grupo social, bem como para o processo de democratização da nossa sociedade, visto que um dos seus grupos sociorraciais, os negros, conseguiu construir uma data e um símbolo positivos para si mesmo e, mais do que isto, para o combate à sua discriminação, exclusão social e ao racismo.

* Jornalista, doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

** Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e professor substituto nessa universidade. Também é membro do seu Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab).

¹ Por meio de um projeto de lei da ex-senadora Benedita da Silva, que foi aprovado no Congresso Nacional e sancionado pelo Presidente da República, hoje o nome de Zumbi dos Palmares está inscrito oficialmente no livro do Pantheon dos Heróis Nacionais, monumento em Brasília. Esse projeto da ex-senadora Benedita da Silva foi transformado na Lei 9.315, de 20 de novembro de 1996, cujo *caput* informa: “inscreve o nome de Zumbi dos Palmares no Livro dos Heróis da Pátria” (cf. Santos, 2007).



Até 30 de junho de 2008 havia 267 cidades brasileiras que tinham estabelecido oficialmente o *Dia Nacional da Consciência Negra* como feriado municipal.² Vale ressaltar ainda que em 20 de novembro de 2009 mais de setecentos e cinquenta municípios brasileiros celebraram o *Dia Nacional da Consciência Negra*.³

Principalmente a partir da década de 1990, parte da mídia brasileira tem noticiado e reconhecido a importância do dia 20 de novembro para a democratização da democracia brasileira. Contudo, há mais divulgação de informações sobre o *Dia Nacional da Consciência Negra* e sobre as relações raciais brasileiras na mídia impressa que na televisiva, mas nem sempre de uma perspectiva crítica. Parte significativa das emissoras de TV não somente desvaloriza a data, evitando divulgar (ou divulgando o mínimo possível) informações sobre as relações raciais brasileiras, como também busca desconstruir o seu significado ou o poder simbólico. Portanto, considerando essas divergências, neste artigo, vamos fazer uma comparação entre o que foi exibido na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*, do ano de 2009, por uma rede de televisão privada, a TV Globo, e uma rede de televisão pública, a TV Brasil.

O 20 DE NOVEMBRO DE 2009 NOS TELEJORNALS DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Em vários municípios brasileiros é feriado no dia 20 novembro e celebra-se o seu significado durante toda a semana e, algumas vezes, durante todo o mês de novembro. Nesse período há diversas atividades culturais, sociopolíticas, acadêmico-educacionais ou científicas em universidades estaduais e federais, em escolas e instituições das prefeituras municipais e dos governos estaduais. Há também shows artísticos e protestos e/ou passeatas públicas contra o racismo, as discriminações e desigualdades raciais, assim como há reivindicações de políticas públicas que combatam as consequências do racismo. Todas essas atividades são organizadas principalmente pelo movimento social negro. Esse algumas vezes obtém apoio ou patrocínio das prefeituras e/ou dos governos estaduais e até mesmo de instituições privadas, mas esse movimento conta também com a participação e o apoio de pesquisadores e acadêmico-intelectuais, políticos, ativistas antirracistas de todas as cores, entre outros agentes sociais.

Por outro lado, instituições privadas, como o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), e algumas públicas, como a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Sead), do governo do estado de São Paulo, e o Instituto de Pesquisa Econômica

² Disponível: <http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=3&cid=143634&parent=3>.

³ Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u653940.shtml>.



Aplicada (Ipea), do governo federal, geralmente publicam, na semana do 20 de novembro, novos dados estatísticos sobre as desigualdades raciais entre negros e brancos no mercado de trabalho, na educação, na saúde, na habitação e saneamento, entre outras áreas. E essas instituições não somente produzem dados atualizados sobre as consequências do racismo a cada ano, como uma parte significativa da mídia impressa e televisiva demandam e/ou recebem esses dados dessas instituições e, conseqüentemente, solicita análises dos mesmos aos especialistas que estudam e pesquisam as relações raciais brasileiras.

Como se vê, especialmente nessa época, há toda uma agenda institucional-política, acadêmico-educacional e sociocultural que discute as relações raciais brasileiras, visando a superação do racismo presente na sociedade brasileira. Essa discussão geralmente é divulgada nos meios de comunicação de massa, às vezes de forma bastante divergente. A Rede Globo de Televisão, por exemplo, fez uma cobertura restrita e evitou divulgar a politização da questão racial. A sua abordagem foi culturalista ou festiva para o *Dia Nacional da Consciência Negra* quando comparada com a cobertura feita pela TV Brasil. Ao que parece, a TV Globo evitou a divulgação de matérias que possibilitassem aos telespectadores uma reflexão crítica e não rasa sobre esse dia e/ou sobre o racismo, a discriminação e o preconceito raciais e, conseqüentemente, as desigualdades raciais no Brasil. Aliás, as palavras: racismo, discriminação, preconceito e desigualdades raciais não foram citadas nas matérias dos telejornais da Rede Globo de Televisão. A TV Globo não buscou controlar ideologia sobre as nossas relações raciais, que é caracterizada pelo mito⁴ da democracia racial brasileira.

No dia 20 de novembro de 2009, quando exibiu matérias sobre o *Dia Nacional da Consciência Negra*, a TV Globo buscou induzir os seus telespectadores a acreditar que negros e brancos são tratados igualmente no Brasil, sem distinção, e, conseqüentemente, vivem em harmonia em nosso país. Nesse dia, essa emissora não exibiu em seus telejornais a discriminação racial contra os negros, amplamente divulgada e comprovada por meio de dados produzidos por instituições respeitadas como o Ipea, a Fundação Sead e o Dieese. Ao contrário, buscou-se enfatizar a palavra celebração, mas despolitizada do sentido em que é colocada pelo movimento negro no dia 20 de novembro, qual seja, celebrar a luta por liberdade e igualdade, de direito e de fato, a luta contra a opressão escravista e, conseqüentemente, contra a discriminação e a opressão raciais ainda hoje reinante no Brasil.

⁴ O conceito de mito que adotamos é o mesmo utilizado por Calos A. Hasenbalg: “A noção de mito para qualificar a ‘democracia racial’ é aqui usada no sentido de ilusão ou engano e destina-se a apontar para a distância entre representação e realidade, a existência de preconceito, discriminação e desigualdades raciais e a sua negação no plano discursivo. Essa noção não corresponde, portanto, ao conceito de mito usado na Antropologia” (1996, p. 237).



Tal enfoque fica evidente nas matérias jornalísticas que a TV Globo exibiu em seus telejornais que são transmitidos em cadeia nacional: o *Jornal Hoje*, o *Jornal Nacional* e o *Jornal da Globo*.⁵ Aqui analisaremos somente a reportagem do *Jornal Nacional*, não somente porque esse é transmitido no horário nobre, mas também por dois outros fatores: 1º) foi a reportagem da Rede Globo de Televisão, no dia 20 de novembro, que teve maior duração, 1'53". Além disso, os conteúdos exibidos nos *Jornal Hoje*⁶ e *Jornal da Globo* estão contidos e/ou plenamente contemplados na matéria exibida pelo *Jornal Nacional*.

A reportagem exibida no *Jornal Nacional* buscou apresentar uma representação do *Dia Nacional da Consciência Negra* que não se aproxima do seu significado. De certa forma a matéria que foi ao ar visou enfatizar a população negra como festiva, assim como também buscou celebrar a nossa suposta harmonia racial. Destaca algumas manifestações culturais da população negra: a capoeira, a congada, a dança e a música afro-brasileiras. A abordagem de cunho culturalista se refere a uma parte muito pequena dos eventos que ocorreram em três estados brasileiros naquele dia: Rio de Janeiro, São Paulo e Alagoas. Ou seja, a TV Globo buscou universalizar, ou melhor, nacionalizar eventos culturais particulares que ocorrem nas capitais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, não divulgando centenas de outros eventos socioeducacionais-políticos que ocorrem em todas as regiões brasileiras. O estado de Alagoas, geralmente considerado periférico pelas elites do sudeste brasileiro, foi incluído na reportagem porque foi no interior dele onde se construiu a chamada "República Negra dos Palmares". Caso contrário, esse estado, e os eventos que ocorrem nele em virtude do dia 20 de novembro, sequer seriam lembrados nesse dia, como ocorreu com os mais de 380 municípios em que é feriado no *Dia Nacional da Consciência Negra*.

A parte da reportagem do *Jornal Nacional* que mais se aproxima do significado do dia 20 de novembro tem duração de sete segundos. Fala-se rapidamente da luta do guerreiro Zumbi contra

⁵ Em nossas pesquisas no site dessa emissora não localizamos nenhuma matéria sobre o *Dia Nacional da Consciência Negra* do ano de 2009 exibida no telejornal *Bom dia Brasil*. Este é transmitido a partir das 07h15min, de segunda a sexta-feira. O *Jornal da Globo* é exibido de segunda a sexta-feira, geralmente a partir das 23h30min. Os *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional* são exibidos de segunda a sábado, respectivamente, a partir das 13h15min e das 20h15min.

⁶ A reportagem do *Jornal Hoje*, com 36 segundos de duração, destacou basicamente as comemorações na cidade do Rio de Janeiro, exibindo uma passeata contra a intolerância religiosa ocorrida em frente ao monumento a Zumbi dos Palmares, na cidade do Rio de Janeiro (que também foi exibida no *Jornal Nacional*), assim como exibiu e destacou uma matéria sobre o "Trem do Funk Carioca", que foi incorporada e também exibida na matéria do *Jornal Nacional*. A reportagem do *Jornal da Globo*, com 1 minuto e 43 segundos de duração, exibiu basicamente as atividades ocorridas no Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, município de União dos Palmares (AL), destacando as cerimônias afroreligiosas e as homenagens para os negros velhos e pretos velhos e para o próprio quilombo. A principal diferença desta reportagem comparada com as demais matérias dos outros telejornais dessa rede de televisão foi a rápida fala do pesquisador e historiador Zezito Araújo sobre esse quilombo, afirmando que nesse "nós tivemos a possibilidade de ter uma organização social diferente da época em que viviam brancos, negros e índios". Mas, como na reportagem do *Jornal Nacional*, que se verá a seguir, o enfoque central foi uma abordagem geral de cunho culturalista.



a escravidão, onde se afirma que: “o Brasil homenageia Zumbi dos Palmares, símbolo da consciência negra e da luta contra a escravidão”. Mas, imediatamente, na frase que segue, busca-se esvaziar qualquer conteúdo reflexivo e/ou mensagem de luta contra o racismo no Brasil e volta-se a um dos focos principais da reportagem, o negro festivo. Imediatamente enfatiza-se a festa:

Na Serra da Barriga, em Alagoas, o local onde o rei guerreiro criou o Quilombo dos Palmares, *a festa começou* com oferendas no lago sagrado. Os tambores soaram em reverência aos orixás. Em São Paulo, houve missa, congada e canto coral. *E um grande show* no palco montado na Praça da Sé. No Rio, desde 1995, 20 de novembro é feriado, um dia dedicado *a celebrar a consciência negra, com muita festa* e música e, este ano, com uma novidade, o trem do funk” (TV Globo, grifo nosso).⁷

Busca-se evitar que se coloque e se discuta no espaço público as lutas e as reivindicações dos afro-brasileiros por igualdade racial no Brasil. É a festa ou, se se quiser, o show que é enfatizado na citação acima. Tenta-se apagar, assim, o significado histórico do Quilombo de Palmares contra a escravidão e, conseqüentemente, contra o racismo, pois, como nos lembra o historiador George Reid Andrews, a escravidão foi “a mais extrema das formas de opressão racial na história brasileira” (Andrews, 1991, p. 40). Como afirmado anteriormente, em nenhum momento a palavra racismo é citada nessa reportagem do *Jornal Nacional*. Também não foi entrevistada nenhuma liderança dos movimentos sociais negros para falar sobre o significado desse dia. Como é possível fazer uma reportagem sobre esse tema e não se falar do racismo, se um dos objetivos do estabelecimento do *Dia Nacional da Consciência Negra*, pelo movimento negro, foi construir um símbolo poderoso contra a discriminação racial no Brasil?

Não temos uma resposta concreta para essa questão. Mas levantamos a hipótese de que isso foi possível porque um outro foco principal da reportagem foi enfatizar a nossa suposta harmonia racial ou o mito da democracia racial. Quando a matéria do *Jornal Nacional*, supracitada, mostra o “Trem do Funk Carioca”, tendo como fundo musical o “Rap da Felicidade”, a repórter Sandra Moreira narra: “o som que embala as comunidades cariocas faz o trem virar baile. No mesmo vagão, negros, brancos, mestiços, e a consciência da mistura que é a cara o Brasil” (grifo nosso). Entre outros, o principal objetivo da TV Globo aqui foi reafirmar o mito da democracia racial. Mito esse também verbalizado por um dos entrevistados (e valorizado por essa TV ao editar e exibir a sua fala), que, de dentro do trem, diz: “Unifica, unifica tudo. É cultura de raça. Quem mora na favela, quem mora no asfalto junta tudo. Quem tem dinheiro, quem é mais pobre, tudo fica

⁷ Disponível: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1387197-10406,00-TREM+DO+FUNK+NO+RJ+HOMENAGEIA+CONSCIENCIA+NEGRA.html>.



junto no mesmo vagão”, como se não houvesse distinções entre pobres e ricos, negros e brancos no Brasil.

Sabe-se que um dos argumentos para a sustentação do mito da democracia racial é o considerável índice de mistura racial entre brasileiros, que são “unificados” ou misturados em nossa sociedade. Contudo, afirma-se discursivamente essa mistura apenas no plano biológico e não se pergunta, menos ainda se demonstra, onde está essa mistura no plano sociológico. Ela existe sociologicamente? Se somos tão misturados, e para ficar só na TV Globo, por que são raros os jornalistas ou apresentadores negros de telejornais (ou de qualquer outro programa televisivo) nessa rede de televisão? Por que os atores e as atrizes negras são tão poucos e geralmente fazem papéis subalternos nessa emissora, conforme demonstrou a pesquisa do professor e cineasta Joel Zito de Araújo (2000)? Por que negros e brancos não estão representados proporcionalmente em todos os estratos e/ou esferas sociais, ou seja, em todos os estratos (do mais baixo ao mais alto) das empresas, das universidades, dos tribunais, dos hospitais, das forças armadas, da diplomacia, entre outras áreas da sociedade brasileira?⁸ Por que trabalhadores negros não recebem salários iguais aos dos trabalhadores brancos tendo a mesma escolaridade e qualificação técnica? (cf. Dieese/Afl-Cio/Inspir, 1999).

Retornando à matéria veiculada pelo *Jornal Nacional*, após a afirmação a repórter Sandra Moreira, de duas das matrizes do mito da democracia racial, a mistura e a harmonia raciais entre os brasileiros de todas as cores ou raças, como visto acima, coloca-se em primeiro plano e passa-se a enfatizar uma música: o “Rap da Felicidade”.⁹ Imediatamente aparecem imagens de passageiros que estão dentro de um vagão do “Trem do Funk Carioca”, que partiu da Estação Central do Brasil, da cidade do Rio de Janeiro. Esses passageiros são em sua maioria rapazes e moças que cantam alegremente a música supracitada, especialmente a parte: “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci... Eh! E poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar”. Essa é a parte em que se começa a finalizar a reportagem do *Dia Nacional da Consciência Negra*, do ano de 2009, exibida pelo *Jornal Nacional* da TV Globo.

⁸ Como único exemplo, para demonstrar a exclusão dos negros na sociedade brasileira, basta lembrar que atualmente só há um ministro negro no Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Benedito Barbosa Gomes. E ele só foi nomeado para o esse tribunal porque o presidente Luiz Inácio Lula da Silva estava determinado a fazer uma política de ação afirmativa no STF. Vale ressaltar também que desde a sua instituição, em 1828, apenas três dos ministros do STF têm ascendência negra: a) Pedro Augusto Carneiro Lessa, considerado mulato claro; b) Hermenegildo Rodrigues de Barros, que era mulato escuro; e Joaquim Benedito Barbosa Gomes, que antes de sua investidura no cargo de ministro, em junho de 2003, afirmou: “posso vir a ser o primeiro ministro *reconhecidamente negro*” (Santos, 2007, p. 487, grifo nosso).

⁹ Classificado como *Funk Carioca*, e sucesso em meados dos anos noventa do século XX, o “Rap da Felicidade” foi composto e era cantado pelos MCs Cidinho e Doca.

Percebe-se na finalização da reportagem que falar da consciência de ser negro é falar da consciência de ser pobre, como se todos os pobres fossem negros e/ou todos os negros fossem pobres, iguais e sem diferenças de sexo ou gênero, cor ou raça e orientação sexual, entre outras distinções; suposição essa totalmente infundada. Além disso, subentende-se também que os lugares ou os espaços para vivência coletiva dos negros ou pobres, que supostamente seriam categorias sinônimas, são as periferias dos grandes centros urbanos ou as favelas. Busca-se naturalizar assim grupos sociorraciais e, conseqüentemente, tenta-se pré-determinar os espaços para suas residências e seus relacionamentos sociais, assim como as posições e os papéis sociais que esses têm ou devem ter na sociedade brasileira. Ao naturalizar ou indicar um lugar “apropriado” para os negros residirem e viverem, há uma tentativa consciente ou inconsciente de sugerir que não há possibilidade de ascensão ou mobilidade social para esse grupo sociorracial, assim como interações sociais e vivências fora das periferias das cidades brasileiras (e das suas precárias condições de infraestrutura habitacional). Ou seja, por meio de uma consciência discursiva (cf. Giddens, 1989) expressa na letra do “Rap da Felicidade”, e ratificada pelos telejornais da Rede Globo de Televisão, procura-se inculcar na população negra o lugar residencial que ela pode ocupar na sociedade brasileira, a favela. Portanto, essa emissora passou aqui (ou quis inculcar na população negra) a ideia de conformismo e/ou resignação dos próprios negros. Mais ainda, que as suas precárias vidas não podem mudar para melhor ante ao que eles mesmos verbalizam por meio de músicas e, principalmente, ante ao seu destino natural: pobreza e periferia.

Portanto, pode-se ter aqui uma ideia da influência da TV Globo e/ou do seu poder e papel de agente socializador,¹⁰ uma vez que imagens e frases de efeito associadas às primeiras orientam e modelam os indivíduos, ou se se quiser, fazem a fixação social das representações sociais dominantes. Como não temos tempo para pensar profundamente, já que tudo é muito rápido na vida contemporânea e requer ações e respostas rápidas, passamos a incorporar parte dos padrões sociais que a mídia, neste caso em particular a TV Globo, nos mostra por meio de telejornais, telenovelas e outros programas televisivos (cf. Santos & Silva, 2006). Não só as informações destes programas, mas principalmente as imagens selecionadas cuidadosamente (geralmente com fundo musical para dar um “refinamento” na interiorização dos valores sociais que se quer inculcar – como, por exemplo, a música “Rap da Felicidade” na reportagem do *Jornal Nacional* supracitada), passaram a ser as

¹⁰ “Diz-se que agente de socialização é tudo aquilo que, de forma ativa, ajuda o homem a se integrar plenamente na sociedade em que vive. Num sentido mais limitado e restrito pode ser definido como um fator que de forma ativa busca a integração do homem à cultura e à sociedade em que se desenvolve” (FGV/MEC, 1987, p. 1.139). Por outro lado, a mídia, especialmente a televisão por meio das suas imagens, vem socializando crianças, adolescentes e adultos de todas as cores e idades (cf. Couceiro de Lima, 1996/1997).



nossas orientações socializadoras e, conseqüentemente, a fixação social das representações sociais dominantes.

O 20 DE NOVEMBRO DE 2009 NOS TELEJORNALIS DA TV BRASIL

A TV Brasil dedicou boa parte da sua programação, entre 14 e 21 de novembro, a temas que abordavam diversos aspectos sobre a população negra, suas ações e sua participação na sociedade brasileira, não se restringindo a enfatizar demasiadamente as festas ou celebrações de rituais afroreligiosos realizados no *Dia Nacional da Consciência Negra*. Se compararmos somente a cobertura realizada pelo telejornalismo da TV Globo e o da TV Brasil, percebe-se que essa emissora pública de televisão veiculou três vezes mais matérias em seus telejornais do que aquela rede televisão explorada pela iniciativa privada, uma vez que, entre 14 e 21 de novembro de 2009, a TV Brasil exibiu nove matérias sobre assuntos relacionados ao dia 20 de novembro e a TV Globo três, conforme pode ser visto no quadro 1.

Enquanto a TV Globo só exibiu matérias sobre assuntos relacionados ao *Dia Nacional da Consciência Negra* nos seus telejornais no próprio dia 20 de novembro, a TV Brasil as veiculou nos dias 16, 17 e 20 de novembro de 2009, sendo que somente neste último dia foram exibidas cinco reportagens. Além dessa quantidade ter sido maior que a da TV Globo, nenhuma das reportagens da TV Brasil teve menos de 1'20'' de duração. Mais ainda, a cobertura desse dia nessa televisão foi mais nacionalizada que a da TV Globo, visto que naquela foram realizadas reportagens em alguns estados da região nordeste, como, por exemplo, o estado de Sergipe, e também na capital do Brasil, Brasília.

Conforme pode-se observar no quadro 1, a TV Brasil buscou mostrar várias perspectivas relativas à questão racial brasileira na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*. Por meio de sua cobertura, essa rede de televisão nos mostrou as manifestações culturais de origem afro-brasileira, algo corriqueiro nas televisões abertas. Mas também nos mostrou e nos possibilitou a discussão de problemas sociais, educacionais, políticos, entre outros, que foram e ainda são resultados do racismo e/ou da discriminação racial.

Quadro 1 – Cobertura Jornalística do *Dia Nacional da Consciência Negra* feita pela Rede Globo de Televisão e pela TV Brasil.

Emissora	Data	Programa	Duração	Enfoque
Rede Globo	20/11/2009	Jornal Hoje	36''	Trem do Funk Carioca
Rede Globo	20/11/2009	Jornal Nacional	1'53''	Trem do Funk Carioca, mistura racial, unificação
Rede Globo	20/11/2009	Jornal da Globo	1'43''	Serra da Barriga, liberdade, organização social



TV Brasil	16/11/2009	Repórter Brasil	2'01''	CIEP do Rio de Janeiro, discriminação, legislação, direitos dos negros,
TV Brasil	17/11/2009	Repórter Brasil	2'11''	Sistema de cotas, opiniões contrárias, universidades públicas
TV Brasil	17/11/2009	Repórter Brasil	1'47''	Balé dos orixás, Aracaju, resistência
TV Brasil	19/11/2009	Repórter Brasil	2'30''	Teatro de Mamulengo, nordeste, Zumbi
TV Brasil	20/11/2009	Repórter Brasil	1'24''	Zumbi, líder negro, quilombo, racismo
TV Brasil	20/11/2009	Repórter Brasil	1'57''	Programa Nova África
TV Brasil	20/11/2009	Repórter Brasil	1'42''	Aracaju, dança, costumes africanos
TV Brasil	20/11/2009	Repórter Brasil	2'25''	São Paulo, negros, ascensão, classe social, desafios, barreiras
TV Brasil	20/11/2009	Repórter Brasil	5'17''	Estatuto da Igualdade Racial, acesso à educação, à saúde, à política

Fonte: Dados agregados pelos autores dos *sites* da Rede Globo de Televisão e da TV Brasil.

A primeira matéria jornalística veiculada pela TV Brasil foi ao ar no dia 16 de novembro. Ela foi feita no Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) *Zumbi dos Palmares*, localizado no bairro Acari, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. A apresentadora do telejornal *Repórter Brasil*, Luciana Barreto, anuncia que nessa escola os alunos aprendem que “todos são iguais perante a lei”. A matéria exibiu parte de uma aula na qual estava sendo ensinado às crianças do ensino fundamental que todos são iguais perante a lei, não podendo haver discriminação de qualquer natureza, especialmente a racial ou por cor. Exibi-se a imagem de uma professora negra e de seus alunos e alunas em sala de aula com a seguinte pergunta no quadro negro: “Posso ser discriminado?” Pergunta essa que orientou a discussão sobre a legislação antirracismo no Brasil.

Percebe-se na matéria que a TV Brasil divulgou que uma escola brasileira já começava a debater a questão racial com seus alunos (diferentemente de alguns anos atrás), e não somente por meio da chamada cultura afro-brasileira – visto que nesse dia também houve roda de capoeira na escola –, mas também através de uma discussão sobre o que é racismo, preconceito e discriminação raciais.¹¹ Mais ainda, percebe-se que essa discussão sobre esses temas está dentro de um dos

¹¹ Vale ressaltar que essa discussão também é uma das determinações da Lei 10.639/2003. Segundo essa o art. 1º A Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B, da seguinte forma: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”. “Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’” (grifo Revista da ABPN • v. 2, n. 4 • mar. 2011 – jun. 2011 • p. 43-63.



objetivos do movimento negro brasileiro para o dia 20 de novembro, qual seja, fazer reflexões sobre o racismo e suas implicações e/ou consequências na vida dos afro-brasileiros.¹²

No dia seguinte, 17 de novembro de 2009, a TV Brasil exibiu uma matéria de 2'11'' sobre um dos temas mais debatidos ultimamente na sociedade brasileira, as políticas públicas de ações afirmativas para estudantes negros, especialmente sobre uma das suas formas de implementação técnica: o sistema de cotas para esses estudantes nos vestibulares das universidades públicas. Da cidade do Rio de Janeiro, a apresentadora Luciana Barreto, do telejornal *Repórter Brasil*, segunda edição, abre a reportagem afirmando que “O sistema de cotas para negros nas universidades públicas ainda divide muito as opiniões no Brasil. E quem entra pelas cotas precisa estudar muito e vencer o preconceito”. Em seguida são entrevistados dois beneficiários desse sistema na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), uma ex-aluna, que se formou em pedagogia e agora é professora nessa instituição, e um ainda aluno cotista. Ambos falam das suas experiências como alunos que ingressaram nessa universidade pelo sistema de cotas, enfatizando o objetivo de obter os melhores resultados possíveis na universidade. Logo em seguida a repórter Neise Marçal, do campus da Uerj, afirma que “o sistema de cotas já vem melhorando a vida dos estudantes. No último Enade, que é o Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes, das 20 universidades públicas que adotaram o sistema, 14 apresentaram os melhores resultados”.¹³

Porém, a reportagem não apresentou somente um ponto de vista positivo do sistema de cotas. Essa emissora também apresentou um ponto de vista divergente ao sistema de cotas ao entrevistar a antropóloga Yvonne Maggie, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Segundo ela, “Isso [o sistema de cotas] vai produzir a divisão do povo e dos estudantes em brancos e negros; e o objetivo da lei, portanto, não é produzir a equidade, melhor oportunidade. Porque isso você faria muito bem se você colocasse uma cota para pobres”. Percebe-se assim, dois pontos de vista na mesma reportagem: a) o da professora Yvonne Maggie, segundo a qual o sistema de cotas irá racializar o Brasil, ou seja, irá dividir o país entre negros e brancos e, conseqüentemente, provocar conflitos raciais; e b) uma visão de que o sistema de cotas inclui positivamente os negros nas universidades e possibilita uma melhora em suas vidas, pois permite-lhes, após graduados, ter um passaporte para a ascensão social.

Por meio dessa reportagem é possível perceber que a TV Brasil, ao contrário da TV Globo, não buscou defender apenas uma visão unilateral em sua cobertura, mas apresentou visões

nosso). Essa Lei foi alterada pela Lei 11.645/2008, que incluiu os indígenas e sua cultura, além dos negros, como grupos que devem ser estudados e valorizados na sociedade brasileira.

¹² Disponível: <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/video/590>.

¹³ Disponível: <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/video/599>.



diversificadas sobre um mesmo tema relacionado às relações raciais brasileiras no *Dia Nacional da Consciência Negra*. Aliás, tema esse que é de grande interesse dos movimentos negros, uma vez que foram esses que o incluíram nas agendas política e educacional brasileiras (cf. Santos, 2007). Vale ressaltar ainda que nesse mesmo dia e no referido telejornal houve também a exibição de uma matéria de 1'47'' sobre um balé em comemoração à semana da consciência negra, o Balé dos Orixás, por meio do qual se buscou demonstrar uma manifestação artístico-cultural afro-brasileira desenvolvida pelos alunos do Colégio Estadual Ateneu Sergipano, em Aracaju, capital do estado de Sergipe.¹⁴

No dia 19 de novembro foi exibida no telejornal *Repórter Brasil*, segunda edição, de Brasília, uma matéria sobre o Teatro de Mamulengo de um artista dessa cidade. Esse buscou fazer um protesto artístico em nome da comunidade negra por meio de uma apresentação que retrata o nascimento de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares.

Em 20 de novembro foram exibidas cinco matérias relacionadas ao tema. Ante ao espaço que temos para a publicação desse artigo, comentaremos brevemente apenas três delas. Na primeira delas, exibida no telejornal *Repórter Brasil*, segunda edição, o apresentador Lincoln Macário, de Brasília, conta quem foi Zumbi dos Palmares, desde sua infância até a sua morte, em luta no Quilombo dos Palmares contra as milícias portuguesas, assim como explica porque o dia de sua morte, 20 de novembro, é considerado o *Dia Nacional da Consciência Negra*.¹⁵ Além disso, na chamada da matéria, entre outros comentários, esse apresentador afirma que: “como a história sempre é contada pelos vencedores, demorou mais de 300 anos para ele [Zumbi] ser reconhecido por lei como herói nacional, em 1996”. Aqui, ressaltamos o fato dessa emissora ter mencionado como a nossa história oficial foi construída, ou seja, como uma visão eurocêntrica de sociedade contada por historiadores colonizados mentalmente, em sua maioria absoluta, negam conscientemente a importância de grupos que são discriminados e oprimidos, assim como de seus heróis, algo que a Rede Globo de Televisão não destacou.

Na reportagem “Negros estão em ascensão social no país”, de 2'25'' exibida no telejornal *Repórter Brasil*, segunda edição, a apresentadora Ana Luisa Médici, de São Paulo, divulga uma pesquisa do Ipea que demonstra que “seis, em cada dez [negros], deixaram a faixa de baixa renda e passaram para a classe média”. No transcorrer da reportagem é entrevistada a pesquisadora Luciana Jaccoud, do Ipea, que afirma que “a população negra vem tendo ganhos de renda num movimento

¹⁴ Disponível: <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/video/602>.

¹⁵ Disponível: <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/video/700>.



mais amplo, num movimento de ganhos reais de renda da população pobre no Brasil”. Mostra-se por meio de dados estatísticos que muitas famílias negras melhoraram de vida, isto é, que entre 2005 e 2008 mais de quatro milhões de negros saíram da classe baixa e passaram para a classe média. No entanto, apesar dessa melhora na vida de muitos negros brasileiros, a reportagem afirma que ainda há muitos desafios para a população negra no Brasil, especialmente o de chegar às universidades brasileiras, onde há um abismo entre negros e brancos. Ante a isso, o entrevistado Edson França, Coordenador da Unegro, defendeu a necessidade de “criar mais acessos para a população aos cursos universitários, que, em última instância, é dali que sai, digamos assim, a classe média brasileira”.¹⁶

Como se pode observar essa reportagem, ao que parece, não é enviesada, visto que apresenta uma visão de que a vida de uma parte significativa dos negros está melhorando, assim como de todos os pobres brasileiros de todas as cores/raças, como afirmou acima a pesquisadora Luciana Jaccoud. Mas mostra também que os negros estão em grande desvantagem em relação aos brancos quando se leva em consideração o acesso ao ensino superior. Ou seja, a matéria demonstra que apesar de uma melhora na vida de muitas famílias negras, ainda há muito a ser feito para eliminar todas as desigualdades raciais causadas pelo racismo no Brasil.

A última reportagem que descreveremos veiculou uma matéria especial sobre o *Dia Nacional da Consciência Negra*, que também foi exibida no telejornal *Repórter Brasil*, às 12h36min, do dia 20 de novembro, com duração de 5’17”. A apresentadora Katiuscia Neri, de Brasília, faz a chamada afirmando que “hoje é o Dia da Consciência Negra, data em que morreu Zumbi dos Palmares, líder da luta de negros e afrodescendentes contra todo tipo de opressão. E para reduzir as diferenças históricas entre brancos e negros no Brasil, o Congresso [Nacional] discute o Estatuto da Igualdade Racial.¹⁷ O projeto prevê medidas que garantem o maior acesso da população negra à política, educação, cultura e emprego”.¹⁸

No transcorrer da matéria, mostram-se negros de diversas classes e posições sociais, como Márcio Fonseca, que é gari e está limpando as ruas de uma das piores (tanto no que diz respeito às condições de moradia e qualidade de vida, quanto à violência local) cidades satélites de Brasília, a Cidade Estrutural. Ele, um jovem negro nascido no estado do Maranhão, com pouco estudo, foi trabalhar na capital do país para enviar dinheiro ao filho que está em seu estado de origem. Ao ser entrevistado, Márcio Fonseca afirmou já ter sentido o peso do preconceito e da discriminação raciais,

¹⁶ Disponível: <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/video/701>.

¹⁷ Esse projeto foi aprovado no Congresso Nacional no dia 16 de junho de 2010, mas sem cotas para negros na educação e no mercado de trabalho, e sancionado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva no dia 20 de junho de 2010.

¹⁸ Esse projeto foi apresentado no Senado Federal pelo Senador Paulo Paim, do Partido dos Trabalhadores (PT), do estado do Rio Grande do Sul. Disponível: <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/video/693>.



dizendo que já foi chamado de “nequinho e macaco”. Por outro lado, a emissora também mostrou que existem negros em outras situações sociais que não sejam a de miséria ou baixa renda e pouca escolaridade, ou seja, em condições precárias e de vulnerabilidade. Também foi entrevistada uma mulher negra de origem social de classe média, Vera Lúcia da Silva, que é delegada de polícia, tem uma vida confortável e, segundo a reportagem, sofreu pouco com a discriminação racial. Com uma fala bem articulada, Vera Lúcia diz que há negros em várias posições, cargos e/ou instituições sociais, como juizes, promotores, médicos, professores. Porém, ela afirma que o número é muito pequeno, sugerindo-nos a entender, nas “entrelinhas”, que é preciso haver mais negros nos cargos ou postos de poder e prestígio.

Como um dos principais objetivos dessa matéria foi mostrar a discussão sobre o projeto do Estatuto da Igualdade Racial que estava ocorrendo no Congresso Nacional,¹⁹ a reportagem prosseguiu mostrando que, na época, o estatuto continha, entre outras propostas, a de acesso dos estudantes negros ao ensino superior, assim como ao mercado de trabalho, por meio do sistema de cotas. Foram entrevistados, entre outros, para falar sobre esse assunto, o autor da proposta, o senador Paulo Paim, o então ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Edson Santos, que são favoráveis ao estatuto, e a professora Yvonne Maggie da UFRJ, que é contrária. Segundo essa professora, “a coisa mais perversa desse estatuto é que divide os trabalhadores, os camponeses e a população brasileira de uma forma geral e esse Brasil que nós conhecemos universalista pode se transformar num país de guerra racial e de ódio racial”. Afirmação que foi contestada pelo então ministro da Seppir, Edson Santos, que contra-argumentou: “na verdade essa é uma visão conservadora. É uma visão que visa manter as desigualdades entre negros e brancos no Brasil. Esses cientistas sociais entre aspas deveriam observar a sociedade brasileira com menos preconceito”.

Ao que tudo indica, a linha editorial dos telejornais da TV Brasil buscou retratar o *Dia Nacional da Consciência Negra* de acordo com o significado desse dia para o movimento negro brasileiro: um dia que se celebra Zumbi dos Palmares como herói nacional, mas também mostrou a existência da discriminação e do preconceito raciais contra a população negra no Brasil, assim como as suas consequências virulentas para essa população. Ela também mostrou que é dia para profundas reflexões sobre o racismo, mas é também um dia para proposições concretas contra esse, visando o seu fim. Por outro lado, essa emissora não omitiu ou invisibilizou visões ou posicionamentos quanto à questão racial brasileira. Por exemplo, a TV Brasil, em pelo menos duas matérias sobre temas relacionados ao 20 de novembro, entrevistou e deu voz à antropóloga Yvonne

¹⁹ Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/video/693>>.



Maggie da UFRJ, que acredita que o Brasil não precisa de políticas de promoção da igualdade racial, visto que para ela não se deve falar das desigualdades raciais e sim nas de classe. Portanto, como em outras reportagens, a TV Brasil permitiu o direito ao “contraditório”, à visão diversificada e até mesmo divergente não somente entre as próprias matérias e os próprios entrevistados, mas também contra a sua linha editorial.

Enquanto a TV Globo evitou usar no seu telejornalismo as palavras preconceito racial, discriminação racial, desigualdades raciais, racismo ou qualquer outra que indicasse opressões contra a população negra, essas palavras foram mencionadas com frequência no telejornalismo da TV Brasil. Ficou evidenciado o compromisso da TV Brasil em mostrar ambiguidades, diferentes pontos de vista e visões de mundo, e, conseqüentemente, contradições no que diz respeito às relações raciais brasileiras. Isso, ao nosso ver, contribui para que cada telespectador, especialmente os negros, possa exercer sua reflexividade²⁰ sobre as várias informações e conhecimentos que receberam sobre o *Dia Nacional da Consciência Negra* e, a partir daí, cheguem às suas conclusões da forma mais autônoma.

O 20 DE NOVEMBRO EM OUTROS PROGRAMAS DAS TVS GLOBO E BRASIL

A propaganda da Caixa Econômica Federal no mês de novembro de 2009

Vale ressaltar que não somente por meio da cobertura jornalística das TVs Brasil e Globo foi possível ver a divulgação ou exibição de assuntos relacionados à questão racial brasileira na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*. Por meio de outros programas televisivos foi possível observar esses assuntos na mídia, vê-los crítica ou acriticamente, positiva ou negativamente. Por exemplo, no que diz respeito à propaganda, a Caixa Econômica Federal – instituição financeira pública – exibiu durante toda a semana em que caiu o dia 20 de novembro, em praticamente todas as principais redes de televisão abertas do Brasil, inclusive na TV Globo, uma propaganda de 1 minuto, cujo título era “Consciência Negra”. Ao longo dessa propaganda é recitado um poema de Oliveira Silveira, o poeta e ativista idealizador do *Dia Nacional da Consciência Negra*, assim como são homenageados os servidores afro-brasileiros da Caixa por meio de um de seus funcionários, Délio Martins. Na propaganda também se afirma positivamente a identidade racial negra dos descendentes de escravos no Brasil. Não resta dúvida que a CEF buscou

²⁰ Segundo o sociólogo Anthony Giddens, as decisões dos indivíduos “devem ser tomadas com base em uma reflexão mais ou menos contínua sobre as condições das ações de cada um. ‘Reflexividade’ aqui se refere ao uso de informações sobre as condições de atividade como um meio de reordenar e redefinir regularmente o que essa atividade é. Ela diz respeito a um universo de ação onde os observadores sociais são eles mesmos socialmente observados; e, hoje em dia, ela é verdadeiramente global em sua abrangência” (Giddens, 1996, p. 101).



positivar e afirmar a origem negra desses funcionários e a importância de todos eles e seus ascendentes ou parentes para a construção do Brasil. O objetivo explícito da propaganda foi valorizar a participação e destacar a importância dos negros na e para a construção do Brasil, assim como para a própria Caixa. Portanto, por meio dessa propaganda, essa instituição iniciou uma política de ação valorizativa²¹ de seus funcionários negros.

Outros programas

Somando a pouca repercussão da Semana da Consciência Negra na programação da Rede Globo, a emissora exibiu nesse mesmo período na novela *Viver a Vida*, que vai ao ar às 21h, uma cena que chocou e gerou muitas críticas pelo seu racismo e demonstração da subserviência negra. A primeira protagonista negra dessa emissora, em horário nobre, é Helena interpretada pela atriz Taís Araújo. Na trama, ela é uma modelo famosa, que sofre pela culpa de ter feito um aborto para prosseguir na carreira. A jovem casa-se com Marcos (José Mayer), um homem rico, bem mais velho e pai de três filhas. Helena, ao viajar com a enteada Luciana (vivida pela atriz Aline Moraes), numa tentativa de contribuir para o sucesso dessa como modelo. Luciana é uma jovem mimada e infantilizada, que depois de muitas brigas com Helena é proibida por essa de viajar no mesmo carro. Então, a enteada embarca no ônibus junto com as demais modelos, sofre um acidente e fica tetraplégica.

Na volta para o Rio de Janeiro, no capítulo de 16 de novembro, há uma cena que dura 10 minutos, na qual a mãe de Luciana, Tereza (interpretada por Lilian Cabral), fala enquanto Helena ouve cabisbaixa, num gesto de reconhecimento da sua culpa. No diálogo, a mãe assume que sua filha é uma garota mimada, insegura, insuportável e passional, mas que apesar disso, Helena deveria ter cuidado dela, e acusa: “Você empurrou ela [Luciana] para a morte”. Tereza ainda parece culpabilizar Helena por ter conseguido vencer na vida: “você não conseguiu tudo que você quis, você não saiu da pobreza para o conforto, você não conseguiu superar o preconceito da sua cor (...) Petulante, é isso que você é!”

Helena, ainda calada, ouve Tereza jogar na sua cara o aborto que fez no início da carreira e outra acusação: “Fique com seu segundo crime e tente ser feliz com eles”. Helena aparece prostrada diante da mãe da enteada, chora, pede perdão e é esbofeteada por Tereza. No entanto, aceita a punição resignadamente. Entre as muitas críticas que surgiram após a cena, a que “a Helena negra é

²¹ Conforme as pesquisadoras Luciana Jaccoud e Nathalie Beghin (2002, p. 56), as ações valorizativas são “entendidas como aquelas que têm por meta combater estereótipos negativos, historicamente construídos e consolidados na forma de preconceitos e racismo. Tais ações têm como objetivo reconhecer e valorizar a pluralidade étnica que marca a sociedade brasileira e valorizar a comunidade afro-brasileira, destacando tanto seu papel histórico como sua contribuição contemporânea à construção nacional”.



culpada por ter abortado, por ter casado com um homem branco e por não ter ‘cuidado’ devidamente da enteada, numa relação que muito nos lembra mucama e sinhazinha” (Brito, 2009).²² O fato dessa cena ter ido ao ar exatamente na Semana da Consciência Negra, pode ter sido simples coincidência ou não. Porém, se somarmos à telenovela o fato da cobertura da maior rede de comunicação do país ter ficado restrita a um único dia, além da abordagem ser falha e preconceituosa, há indícios da telenovela apenas ter antecipado alguns dias na programação o que depois seria ratificado pelo telejornalismo que reforçou o preconceito e o estereótipo.

A Rede Globo tem trajetória em desvalorizar os negros, conforme relembra Paulo Rogério Nunes (2007). O personagem do programa humorístico *Os Trapalhões*, Mussum, vivido por Antônio Carlos Bernardes Gomes era um homem negro, alcoólatra, estereótipo do negro maltrapilho e sem perspectiva. “Há uma ação deliberada para, além de sub-representar, colocar os negros e negras em patamar de desigualdade, de inferioridade. E isso é prejudicial para quem assiste” (Nunes, 2007).

Não resta dúvida que a representação que a Rede Globo faz dos negros pode causar danos, reafirmando valores racistas que podem de certa maneira influenciar na forma como a sociedade vê o negro e contribuir para a subalternidade desse grupo. Conforme afirma Jésus Martín-Barbero (2006), a mediação pelos meios de comunicação vem ocupando lugares antes restritos às instituições como a família e a escola: “(...) os mentores das novas condutas são os filmes, a televisão, a publicidade, que começam transformando os modos de vestir e terminam provocando uma ‘metamorfose dos aspectos morais mais profundos’ ” (Barbero, 2006, p. 66-67). Dessa forma, os meios de comunicação, e a televisão em especial, têm um papel relevante por indicar posicionamentos, formas de classificação e entendimento do mundo.

Assim como a Rede Globo reforçou na sua telenovela que o lugar reservado para o negro é o de subserviente, de certa forma de culpa pela ascensão social, aqui enfatizada várias vezes em *Viver a vida*, que a protagonista conseguiu sucesso porque optou pelo aborto para assinar um contrato profissional; a TV Brasil ratificou na programação de entrevistas, cinema e entretenimento o contexto racial exibido pelo jornalismo. Podemos considerar que essa emissora contribuiu, com a representação positiva da população negra, para melhorar a autoestima desse povo. Os temas abordados foram variados desde preconceito, racismo, política pública, religião, cinema, música e educação, conforme a síntese apresentada abaixo:

²² Disponível: <http://www.pracadacultura.com/noticia.php?id=180>.



Emissora	Data	Programa	Duração	Tema
TV Brasil	16/11/2009	Roda Viva	60'	Entrevista com o presidente da Fundação Palmares, Zulu Araújo
TV Brasil	14/11/2009	Segue o som	60'	Tributo à música negra
TV Brasil	19/11/2009	DOC TV IV	52'	Documentário, imagem, negro, Bahia
TV Brasil	20/11/2009	Nova África	60'	Continente, diferentes povos
TV Brasil	20/11/2009	Programa de Cinema	91'	Filme Ôrí, reconstrução, identidade negra
TV Brasil	21/11/2009	Ver TV	60'	Negro na TV brasileira
TV Brasil	21/11/2009	Para todos	30'	Cultura negra, Amapá, quilombo
TV Brasil	16/11/2009	Rede Jovem Cidadania	30'	Entrevista com rapper em casa de detenção em Minas Gerais
TV Brasil	16/11/2009	Sem Censura	90'	Entrevista com Ministro da Igualdade Racial, Edson Santos; primeira juíza negra do Brasil, Luislinda Valois; Ricardo Santhiago fala de seu livro <i>Solistas Dissonantes</i> , no qual ele conta as histórias de 13 cantoras brasileiras negras ligadas ao universo do jazz e da canção. E João Daniel Tikhomiroff, diretor de cinema e publicitário, comenta o filme <i>Besouro</i> .
TV Brasil	17/11/2009	Sem Censura	90'	Vilma Reis (Ceafro) Maria Cristina Marques, professora de literatura Leandro Sapucahy
TV Brasil	18/11/2009	Sem Censura	90'	Ator Rocco Pitanga, cantor e compositor Nenéo e Jair Rodrigues
TV Brasil	19/11/2009	Sem Censura	90'	Especialistas em religiões de matriz africana: José Marmo da Silva, babalorixá Odé Kileuy e Vera de Oxaguã
TV Brasil	20/11/2009	Sem Censura	90'	Entrevista com os cantores Emílio Santiago e Elza Soares
Rede Globo	17/11/2009	Viver a vida	10'02	Culpa, crime, humilhação da mulher negra

Na TV Brasil a programação da Semana da Consciência Negra iniciou-se no dia 14 de novembro com *Segue o Som*, no sábado 14. Nele foi exibido um tributo à música negra, “que transformou o Brasil no imenso caldeirão de estilos, ritmos, swing, ginga e energia herdado da África” (TV Brasil, 2009). Em destaque no programa os cantores Paula Lima, Itamar Assumpção, Jards Macalé e Luiz Melodia, Racionais MCs, Rappin’hood, Leci Brandão, Seu Jorge, Carlos Dafé e Gilberto Gil. O programa também homenageou Pixinguinha.

Na segunda-feira, dia 16, foi veiculado o programa *Roda Viva*²³ que trouxe como entrevistado o presidente da Fundação Cultural Palmares, Zulu de Araújo. Em pauta ações afirmativas, educação e desigualdade racial. O *Sem Censura*, exibido de segunda à sexta-feira, abriu a programação da semana *com os seguintes convidados*: Edson Santos, Ministro da Igualdade Racial, que explicou as ações do Governo Federal para diminuir as desigualdades raciais no país; Luislinda Valois, a primeira juíza negra do Brasil. Ainda participaram desse programa Ricardo Santhiago que falou sobre seu livro *Solistas Dissonantes*, que conta a história de treze cantoras brasileiras negras e João Daniel Tikhomiroff, diretor do filme *Besouro* – sobre a história do capoeirista baiano negro, conhecido como Besouro.

²³ Esse programa é produzido pela TV Cultura de São Paulo e veículo às segundas-feiras pela TV Brasil.



A educação, a profissionalização da população negra assim como o preconceito contra as religiões de matriz africana foram os temas do programa na terça-feira, dia 17. A socióloga e coordenadora executiva da ONG Ceafro, Vilma Reis, falou sobre o trabalho que a organização vem desenvolvendo na educação e profissionalização da população negra. Vilma também explica quais são os impactos raciais gerados pelas políticas de segurança pública. O programa também recebeu a professora de literatura Maria Cristina Marques, que foi impedida de dar aulas após usar, em sala, o livro *Lendas de Oxu*, sobre a Umbanda.

No dia seguinte os convidados foram o ator Rocco Pitanga (ator negro), o compositor Nenéo, o cantor Jair Rodrigues e o dermatologista Fábio Cuibado, que explicou sobre os cuidados que os negros devem adotar para manter a pele saudável. Na quinta-feira, dia 19, o programa foi praticamente dedicado às religiões de matrizes africanas. Participaram José Marmo da Silva, secretário da Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras; babalorixá Odé Kileuy sobre o livro *O Candomblé Bem Explicado*, da editora Pallas; a candomblecista Vera de Oxaguiã; o compositor Altay Veloso comenta a ópera *Alabê de Jerusalém*, a obra é uma narrativa sobre Jesus Cristo do ponto de vista de um negro africano; e a cantora Alcione falou sobre o CD *Acesa*. A semana encerrou-se com a presença dos cantores Emílio Santiago e Elza Soares.

Entre a programação destacamos o *Ver TV* que debateu o papel da televisão brasileira, a inserção e a representação no negro nesse meio de comunicação, e se a TV contribui para reduzir o preconceito racial ou o reforça. Participaram dessa discussão a jornalista Maria Amélia Rocha Lopes; o vocalista da banda Maskavo Roots, Márcio Silva; e o professor e Coordenador do Centro de Estudos Afro-brasileiros da Universidade de Brasília, Nelson Inocêncio.

CONCLUSÃO

As diferenças apontadas nesse artigo na programação exibida na Semana da Consciência Negra de 2009 pela Rede Globo e TV Brasil não pode simplesmente ser considerada “normal” ou passar pelo entendimento que a emissora pública tem maior responsabilidade social e a televisão privada pode ser vista como qualquer negócio comercial. As diretrizes da Constituição Federal de 1988, no artigo 221, garantem como princípios para todas as emissoras de rádio e televisão as finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas. Regra que foi garantida pelo Código Brasileiro de Telecomunicações, de 1962. Ou seja, independente de pertencer ao Estado ou se o serviço de radiodifusão tenha sido repassado a terceiros, as regras continuam as mesmas.



Dessa forma, quando se fala em radiodifusão, estamos nos referindo a um bem público que teoricamente já pertence à nação brasileira e não a alguns poucos brasileiros que obtêm concessão para operar esse serviço público. Segundo André Godoy Fernandes (2008, p. 5),²⁴ são duas as justificativas que categorizam a radiodifusão como serviço público:

Em primeiro lugar, o fato de o espectro eletromagnético, por onde trafegam as ondas radioelétricas, ser bem natural e limitado. Tal fato implica a necessidade de definição criteriosa de quais pessoas ou entidades podem usar esse bem natural, visto que a utilização do espectro por determinadas pessoas ou entidades exclui, em princípio, o seu uso por parte dos demais membros da coletividade. O segundo motivo diz respeito à importância dos serviços de radiodifusão para a veiculação de informação e cultura na sociedade contemporânea. Em virtude da amplitude de sua penetração junto a todas as camadas sociais e do poder não desprezível de influência de suas mensagens, a radiodifusão e especialmente a televisão é vista como o meio de comunicação de massa mais apto para prover a sociedade de uma gama de serviços (informação, cultura, educação) diretamente ligados ao desenvolvimento pessoal dos cidadãos e à própria construção de uma sociedade democrática.

Por se tratar de um recurso natural público e pela extrema importância contemporânea das emissoras de televisão na vida de cada cidadão, conforme visto na citação acima, cabe ao Estado, quando faz a distribuição dessas concessões a terceiros, evitar que interesses pessoais ou privados predominem em detrimento do interesse público, bem como sobre a função social do sistema de comunicação brasileiro. Dessa forma pode-se evitar a privatização de um bem público, bem como fazê-lo cumprir a sua função social, tornando-o mais democrático ou menos autoritário e propagador de visões de mundo comprometidas com a construção da cidadania.

Nesse sentido, podemos afirmar que a Rede Globo, conforme demonstrado durante a Semana da Consciência Negra de 2009, tenta inculcar uma visão de mundo distorcida da realidade e preconceituosa. O pouco conteúdo que foi veiculado não mostra a diversidade do Brasil, com as suas qualidades (ascensão social dos negros, maior ingresso nas universidades) e os resquícios da escravidão (o preconceito, o racismo e desigualdade social). Pensamos que a forma como esses fatos foram inseridos na Rede Globo não contribuem para que telespectadores a leiam a realidade do país e do mundo. Desse modo, não são critérios de cidadania ou públicos, mas critérios de rentabilidade que orientam a programação (ou ação) das grandes corporações que dominam o sistema de comunicação brasileiro. Portanto, no Brasil “vem se configurando uma indústria da mídia e da cultura extremamente concentrada e regida por princípios exclusivamente comerciais, na qual o que conta são os critérios de rentabilidade, acima de critérios públicos” (León, 2005, p. 404).

²⁴ Disponível: www.midiativa.tv/direitos/funcaosocialdatv.doc.

Por outro lado, a TV Brasil buscou demonstrar essas contradições do jovem negro que trabalha como garí à mulher negra e delegada de polícia, da ascensão dos negros que saíram da pobreza aos desafios que ainda existem para o ingresso no ensino superior. A emissora veiculou posições tanto favoráveis como contrárias em relação à política de cotas para estudantes negros nas universidades públicas e ao Estatuto da Igualdade Racial. Não podemos deixar de mencionar a pluralidade de assuntos discutidos nesse período, conforme já citados, falando explicitamente que a nossa sociedade é preconceituosa, racista e desigual. Palavras não citadas pela Globo. Também merece ser destacado o fato da televisão ser autodiscutida, como ocorreu no *Ver TV*, debatendo se a televisão reforça os preconceitos ou contribui para eliminá-lo da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREWS, George Reid. O protesto político negro em São Paulo – 1888-1998. *Estudos Afro-Asiáticos*, (21): 27-48, dez. 1991.
- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil*. O negro na telenovela brasileira. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.
- BAIROS, Luiza. Orfeu e Poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. *Afro-Ásia*, (17): 173-186, 1996.
- BRITO, Luciana. Disponível: <http://www.pracadacultura.com/noticia.php?id=180>.
- CARDOSO, Marcos Antônio. *O Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.
- COUCEIRO DE LIMA, Solange Martins. Reflexos do ‘racismo à brasileira’ na mídia. *Revista da USP*, (32): 56-65, dez./fev. 1996/1997.
- DIEESE/AFL-CIO/INSPIR. *Mapa da População Negra no Mercado de Trabalho*. São Paulo: DIEESE, 1999.
- FOLHA DE S. PAULO. 07 de novembro de 1994. Caderno Nacional, p. 5-3, e Caderno Ilustrada, p. 5-1.
- GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *Para além da Esquerda e da Direita*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura. Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Revista & Realidade*, p.15-46, jul./dez. 1997.
- HASENBALG, Carlos A. e SILVA, Nelson do V. *Estrutura social, mobilidade e raça*. São Paulo/Rio de Janeiro: Vertice/Iuperj, 1983.
- JACCOUD, Luciana de Barros e BEGHIN, Nathalie. *Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília: IPEA, 2002.
- JORNAL DA GLOBO. Disponível: <http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL1387236-16021,00-O+FERIADO+DA+CONSCIENCIA+NEGRA.html>.
- JORNAL DO BRASIL. 25 out. 1995. “As cores étnicas da publicidade. Pesquisa revela que TV ainda retrata negros com preconceito e orientais de forma caricata”.
- JORNAL HOJE. Disponível online em <http://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL1386702-16022,00-MOVIMENTO+NEGRO+CELEBRA+A+MEMORIA+DE+ZUMBI+>
- JORNAL NACIONAL. Disponível online em <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1387197-10406,00-TREM+DO+FUNK+NO+RJ+HOMENAGEIA+CONSCIENCIA+NEGRA.html>
- LEÓN, Osvaldo. “Para uma agenda social em comunicação no Brasil”. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2003, pp. 399-414
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006
- Revista da ABPN • v. 2, n. 4 • mar. 2011 – jun. 2011 • p. 43-63.



- NASCIMENTO, Abdias e NASCIMENTO, Elisa Larkin. “Reflexões sobre o Movimento Negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo e HUNTLEY, Lynn. *Tirando a Máscara. Ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- NUNES, Paulo Rogério. “A representação do negro na televisão”. Disponível: http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=633.
- POSSEBON, Samuel. “O mercado de comunicações – um retrato até 2006”. In: RAMOS, Murilo César; e SANTOS, Suzy (Orgs.). *Políticas de comunicação: buscas teóricas e práticas*. São Paulo: Ed. Paulus, 2007. p. 277-303.
- RAMOS, Murilo César. *Às margens da estrada do futuro: comunicações, políticas e tecnologia*. Brasília; UnB, 2000. Col. FAC. Disponível: <http://e-groups.unb.br/fac/publicacoes/murilo/>. Acesso: jan. 2000.
- REDE GLOBO. *Viver a vida*. Cena em que Helena é esbofateada por Tereza. Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=RhkaK8tujA0>. Acesso: maio de 2011.
- SANTOS, Sales Augusto dos. *Movimentos Negros, Educação e Ações Afirmativas*. Tese (Doutorado em Sociologia) – UnB, Brasília, 2007.
- SANTOS, Sales Augusto; e SILVA, Nelson Olokafá Inocêncio. Brazilian Indifference to Racial Inequality in the Labor Market. *Latin American Perspectives*. California-EUA. Issue 149, vol. 33, n. 4, p. 13-29, jul. 2006.
- TV BRASIL. *Semana da Consciência Negra na TV Brasil*. Disponível: http://www.tvbrasil.org.br/consciencianegra/capa.asp_qtd=4&video=1&rss=http://gdata.youtube.com/feeds/api/playlists/8EC342D63D613D20. Acesso: out. 2009
- TV BRASIL. *Ciep no RJ inclui no currículo legislação contra a discriminação*. Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/590/>. Acesso: 16 jan. 2009.
- TV BRASIL. Sistema de cotas para negros divide opiniões no país. Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/599/>. Acesso: 17 out. 2009.
- TV BRASIL. *Balé exalta orixás e religião na cultura negra* Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/602/>. Acesso: 17 nov. 2009.
- TV BRASIL. *Outro Olhar: Mamulengos fazem nascimento de Zumbi, 19/11/2009*. Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/673/>.
- TV BRASIL. *Repórter Brasil Explica – Zumbi dos Palmares*. Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/700/>. Acesso: 20 nov. 2009.
- TV BRASIL. Chama Nova África. Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/697/>. Acesso: 20 nov. 2009.
- TV BRASIL. Alunos do Colégio Estadual de Aracajú homenageia costumes africanos 20/11/2009. Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/692/>
- TV BRASIL. *Negros estão em ascensão social no país*. Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/701/>. Acesso: 20 nov. 2009.
- TV BRASIL. Dia Da Consciência Negra. Disponível: <http://tvbrasil.etc.com.br/reporterbrasil/video/693/>. Acesso: 20 nov. 2009.